

Análise do Mercado do Aço

2015



SICETEL

Sindicato Nacional da Indústria de Trefilação
e Laminação de Metais Ferrosos

Análise do Mercado do Aço

2015

SICETEL

Sindicato Nacional da Indústria de Trefilação
e Laminação de Metais Ferrosos

Sede: Av. Paulista, 1313 - 7º andar - conj. 701

São Paulo/SP - Brasil

CEP: 01311-923

Telefone: (11) 3285-3522

E-mail: sicetel@sicetel.com.br

Website: www.sicetel.org.br

ELABORAÇÃO

Gerência Executiva:

Walter Antonio Romano

Departamento de Economia e Estatística:

José Reinaldo Lourenço

Departamento de Comunicação e Marketing:

Fernanda Ottoni - MTB: 21738

Projeto Gráfico:

VERELO Comunicação

Palavra do Presidente

Em 2015, estamos divulgando a quarta versão do nosso anuário estatístico, elaborado pelo Departamento de Economia do SICETEL, contendo uma análise do mercado produtor e consumidor de aços planos, longos e seus transformados, produzidos pelas empresas representadas pelo Sindicato durante o ano de 2014.

O trabalho pretende ser uma fonte de consulta para contribuir e suportar análises e tomadas de decisão das empresas que operam neste segmento, contendo uma vasta gama de informações de diversas fontes disponíveis neste mercado.

Além dos dados estatísticos, o presente trabalho retrata as principais propostas do SICETEL na defesa da competitividade da indústria de transformação brasileira.

Temos insistido sobre a importância da visão de cadeia produtiva nos diversos fóruns de debates que participamos, e na definição de uma política industrial e de comércio exterior que assegure condições isonômicas de competição a nossa indústria de transformação.

Entendemos a importância e a necessidade de se fazer o ajuste fiscal nas contas públicas, mas vemos esse ajuste como uma etapa para criar bases sólidas para o crescimento sustentável do País. O ajuste fiscal não pode ser um fim em si mesmo, pois com recessão e queda da atividade econômica o equilíbrio das contas públicas fica muito difícil e pode, até mesmo, se tornar insuportável, tanto para o setor produtivo como para a sociedade civil.

O tempo e o tamanho do ajuste são variáveis importantes para viabilizá-lo, e defendemos que o superávit fiscal seja crescente, mas com aumentos anuais menores, buscando assim o equilíbrio sustentável no longo prazo e evitando uma recessão mais forte e profunda para simplesmente obter o equilíbrio em um tempo menor.

A competitividade da indústria nacional é base para a nossa inserção nas grandes cadeias produtivas globais, na redução das importações e no aumento das nossas exportações, e a carga tributária e o elevado custo do capital são importantes componentes do custo Brasil.

Apesar das restrições inerentes aos programas de ajustes fiscais, consideramos imprescindível que o governo mantenha linhas de crédito em volume e a custo competitivo para financiar os investimentos da indústria em modernização, inovação e no financiamento das exportações. Igualmente, elimine todos os impostos cumulativos, promova as reformas do ICMS e da PIS/COFINS, simplifique a administração dos tributos e resista à tentação em querer fazer o equilíbrio das contas públicas pelo lado do aumento dos impostos sem uma grande redução e racionalização das suas despesas.

Finalmente, propomos a discussão de políticas industrial e de comércio exterior que garantam uma proteção efetiva, equilibrada ao longo das cadeias produtivas, e incentive a agregação de valor na produção e na exportação da indústria de transformação brasileira.

Sem estas ações, será impossível recuperar a indústria.

Desejamos uma boa leitura a todos e profundas reflexões sobre nossas sugestões.



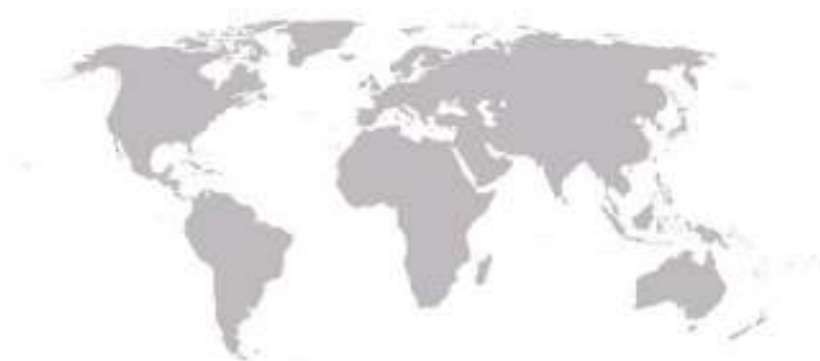
Daniele Pestelli

Índice

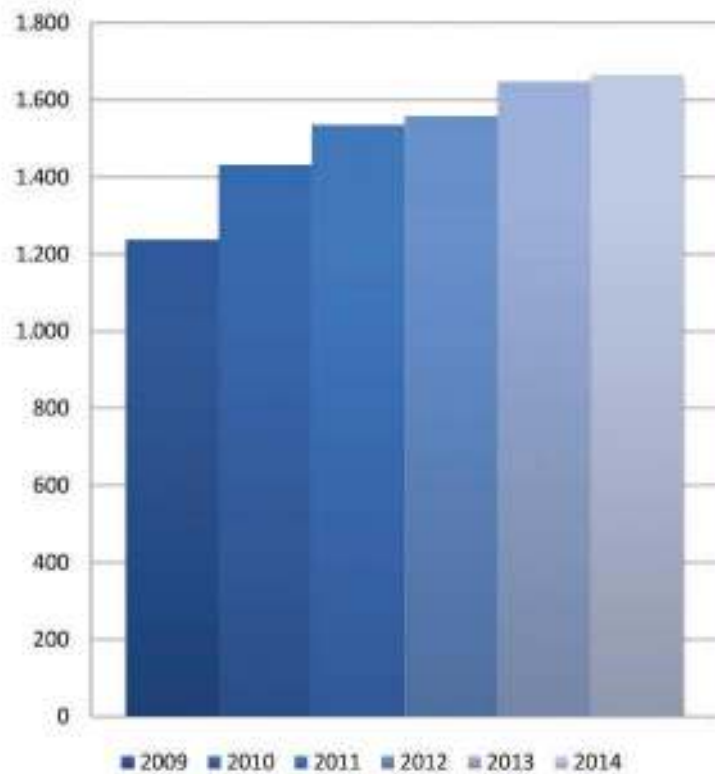
Siderurgia Mundial	
Produção Mundial	06
Produção Mundial por País	07
Principais Produtores Mundiais	08
Produção de Aço Bruto na America Latina	09
Consumo Per Capita de Aço Bruto - 2014	09
Siderurgia Brasileira	
Produção Brasileira de Aço Bruto	12
Produção de Aço Bruto por Estado	12
Produção de Aço Bruto por Empresa	13
Produção de Aço Acabado para Venda	13
Consumo Aparente de Aço para Venda	14
Consumo Aparente de Planos	14
Consumo Aparente de Longos	15
Consumo Aparente de Semi Acabados	15
Evolução Setorial das Vendas - 2014	16
Distribuição Setorial das Vendas - 2014	16
Comércio Exterior de Produtos Siderúrgicos	17
Comércio Exterior de Semi Acabados	18
Comércio Exterior de Planos e Longos	18
Comércio Exterior de Planos	19
Comércio Exterior de Longos	19
SICETEL	
Volume de Aço processado pelo SICETEL	22
Evolução da Participação do SICETEL	23
Evolução do Volume de Longos	24
Participação no Consumo de Longos	24
Evolução do Volume de Planos	25
Participação no Consumo de Planos	25
Comércio Exterior do Aço - SICETEL	26
Comércio Exterior de Planos - SICETEL	27
Comércio Exterior de Longos - SICETEL	27
Considerações Finais	28



Siderurgia Mundial



Produção Mundial



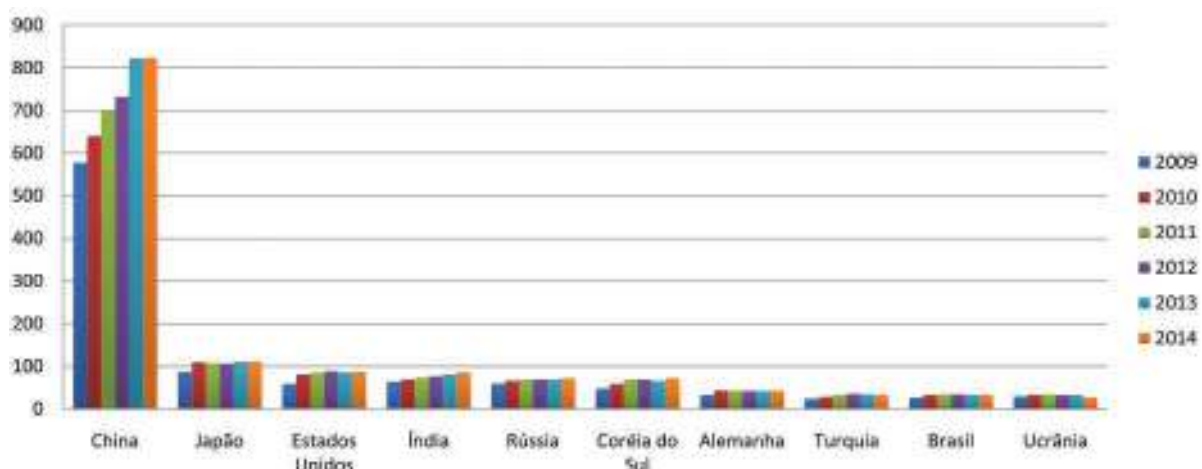
Unid: Mt

Ano	2009	2010	2011	2012	2013	2014
Produção Mundial	1.238	1.433	1.537	1.559	1.649	1.665

Fonte : WSA/ALACERQ/Aço Brasil.

- A produção mundial de aço cresceu apenas 1,0% em 2014 em relação a 2013. Nos últimos 5 anos, o crescimento foi de 34,5%, mas influenciado pela base de 2009, que foi um péssimo ano.
- Segundo fontes do setor, existe hoje no mundo um excedente de capacidade de produção de aço superior a 700 milhões de toneladas, e este excedente poderá crescer nos próximos anos.
- No atual ritmo de crescimento, a capacidade instalada seria suficiente para atender a demanda global nos próximos anos, mesmo que não se adicionasse nenhuma nova capacidade no setor.
- Entidades do setor trabalham para a eliminação de, pelo menos, 500 milhões de toneladas de capacidade, mas as chances que isto ocorra são muito pequenas.
- A expectativa - ou desejo - do setor é que grande parte desta redução ocorra na China, que tem a maior parte desse excedente e possui uma grande capacidade de produção em usinas consideradas ineficientes e poluidoras.
- Embora o governo central da China tenha intenção de reestruturar o setor, ele vem encontrando resistência dos governos das províncias.

Produção Mundial por País

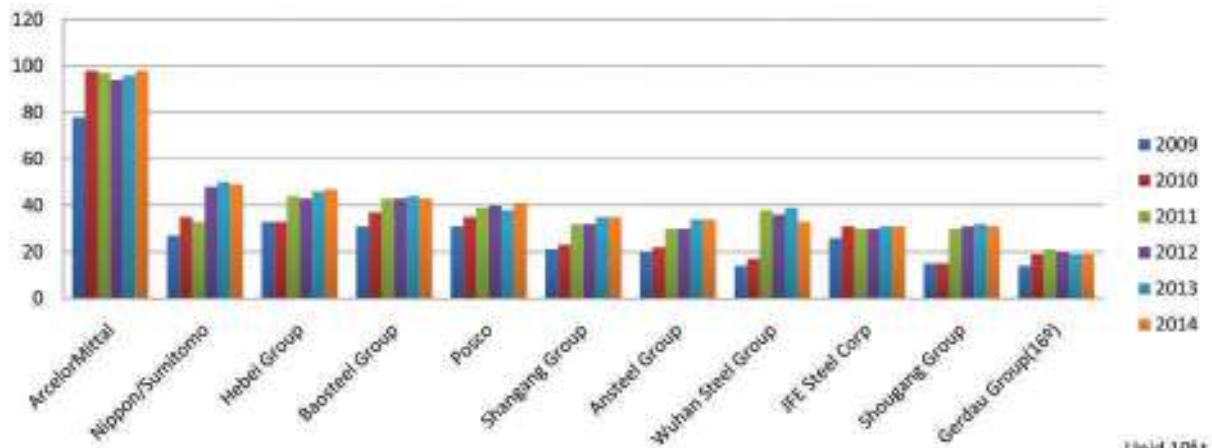


Países	2009	2010	2011	2012	2013	2014	Unid. Mt
China	577	639	702	731	822	823	
Japão	88	110	108	107	111	111	
Estados Unidos	59	81	86	89	87	88	
Índia	64	69	74	77	81	87	
Rússia	60	67	69	70	69	72	
Coreia do Sul	49	59	69	69	66	72	
Alemanha	33	44	44	43	43	43	
Turquia	25	29	34	36	35	34	
Brasil	27	33	35	35	34	34	
Ucrânia	30	33	35	33	33	27	

Fonte: WSA/ALACERO/Aço Brasil.

- A perspectiva de manutenção deste excedente deverá manter a pressão de baixa sobre os preços do aço, comprometendo a rentabilidade do setor, apesar da drástica redução dos preços do minério de ferro, ocorrida recentemente.
- A China é o maior produtor mundial de aço, com 49,4% da produção global. A produção chinesa é mais de 7 vezes a do Japão, segundo maior produtor mundial.
- Em 2014, a produção chinesa manteve-se estável em relação ao ano anterior, mas nos últimos cinco anos a produção chinesa aumentou 42,6%, enquanto que a produção mundial cresceu 34,5%.
- A China, que na última década foi um grande mercado para as siderúrgicas ocidentais, tornou-se o maior produtor mundial com um elevado excedente de capacidade instalada, capaz de desestabilizar o mercado mundial de produtos siderúrgicos.
- Os fabricantes de aço do ocidente perderam o seu maior mercado e ganharam um concorrente de peso, com ativos atualizados, elevada escala, câmbio depreciado e uma forte participação do estado. Estima-se que mais de 50% da siderurgia chinesa seja estatal.
- Como se trata de um estado comunista, com forte intervenção do estado, os investimentos são feitos com base em planejamento de longo prazo. Os planos quinquenais são avaliados mais pela geração de emprego e de maior agregação de valor para a economia do país do que pela maximização do lucro de uma empresa ou de um setor isoladamente.
- O crescimento da economia e a consequente geração de emprego é uma peça importante no tabuleiro chinês para a manutenção da estabilidade política e social do gigante asiático.
- A Ásia tem nove das 10 maiores siderúrgicas do mundo, sendo que seis delas são chinesas. A ArcelorMittal, grupo indiano, que é o maior produtor mundial de aços, tem fábricas instaladas ao redor do mundo, inclusive no sudeste asiático.

Principais Produtores Mundiais

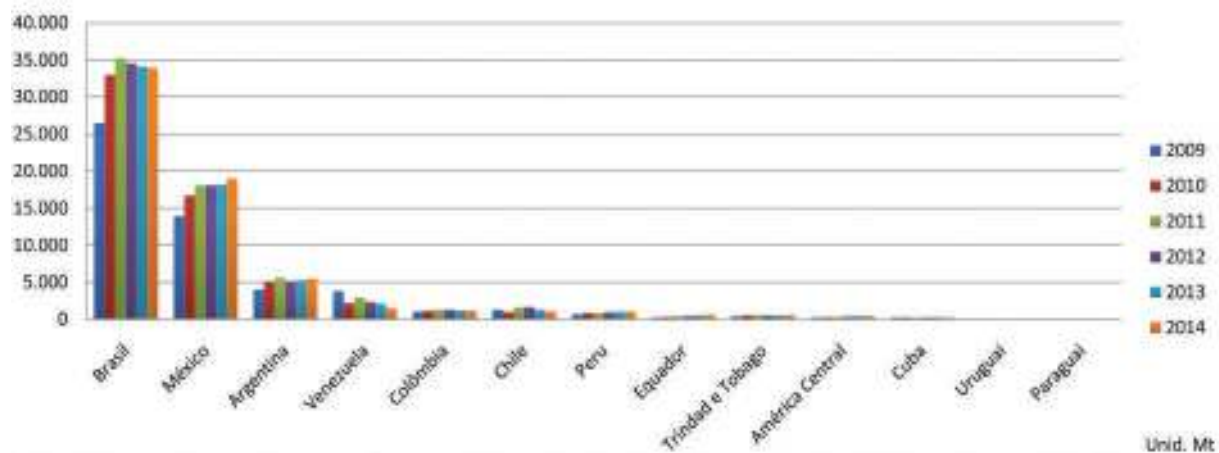


Produtores	2009	2010	2011	2012	2013	2014
ArcelorMittal	78	98	97	94	96	98
Nippon/Sumitomo	27	35	33	48	50	49
Hebei Group	33	33	44	43	46	47
Baosteel Group	31	37	43	43	44	43
Posco	31	35	39	40	38	41
Shougang Group	21	23	32	32	35	35
Ansteel Group	20	22	30	30	34	34
Wuhan Steel Group	14	17	38	36	39	33
JFE Steel Corp	26	31	30	30	31	31
Shougang Group	15	15	30	31	32	31
Gerdau Group(16%)	14	19	21	20	19	19

Fonte: WSA.

- As tradicionais siderúrgicas do mundo ocidental, que sempre trabalharam em ambiente de economia de mercado em sistemas capitalistas, vem encontrando enorme dificuldade para concorrer com um player com forte participação do estado.
- A concorrência atual se dá entre empresas ocidentais, onde a alocação de capital é feita com base na atratividade do capital de cada empresa isoladamente, com empresas de países com forte planejamento centralizado, onde o resultado da cadeia é mais importante que o de uma empresa ou de um elo da cadeia produtiva.
- O aumento da participação da China no comércio internacional de aço vem provocando reações de diversos países na defesa das suas indústrias, e uma crescente abertura de processos antidumping contra o aço chinês, inclusive por parte do Brasil.
- Mas, talvez a maior ameaça para a siderurgia ocidental não esteja nas exportações diretas de aço da China, mas nas exportações indiretas de aço, através de produtos da cadeia metal- mecânica provenientes do sudeste asiático.
- Em relação a Coreia do Sul, que tem o maior consumo per capita de aço do mundo – 1.166 kg/hab. contra 140 kg/hab. do Brasil – estima-se que mais de 50% deste consumo seja resultante da exportação de produtos que contêm aço.
- A exportação direta de aço da China é crescente e, apesar de ainda ser pequena, proporcionalmente - em torno de 15% da sua produção - em números absolutos o volume é maior que a produção do Japão e mais de cinco vezes o consumo brasileiro.
- Em 2014, a produção siderúrgica na América Latina manteve-se estável em relação ao ano anterior. Alias, nos últimos 6 anos, a produção de aço na região se manteve estagnada entre 60 e 70 milhões de toneladas/ano.
- O Brasil é responsável por mais de 50% da produção regional, representando quase o dobro do segundo produtor, que é o México.
- O Grupo Gerdau é o único produtor brasileiro entre os vinte maiores grupos siderúrgicos do mundo (é o décimo sexto), sendo que grande parte desta produção é de plantas fora do País.

Produção de Aço Bruto na America Latina



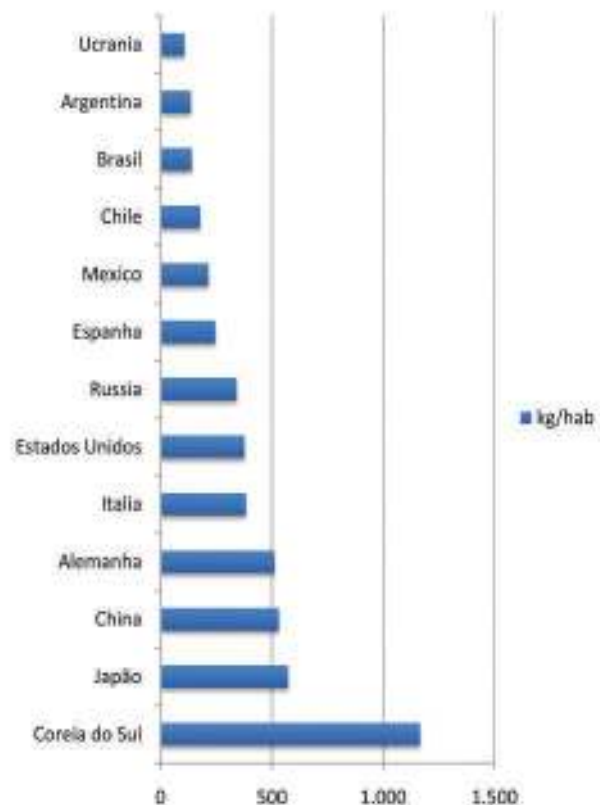
Países	2009	2010	2011	2012	2013	2014
Brasil	26.506	32.948	35.220	34.524	34.163	33.897
México	13.957	16.710	18.110	18.095	18.200	18.995
Argentina	4.050	5.138	5.611	5.170	5.273	5.488
Venezuela	3.808	2.207	2.980	2.359	2.179	1.485
Colômbia	1.052	1.180	1.287	1.302	1.236	1.208
Chile	1.308	1.011	1.615	1.670	1.323	1.079
Peru	718	876	877	981	1.069	1.078
Equador	259	357	463	425	570	662
Trinidad e Tobago	417	572	603	559	574	591
América Central	275	338	386	406	503	516
Cuba	267	278	282	277	322	256
Uruguai	56	65	80	77	91	94
Paraguai	54	59	30	44	45	47
Total	52.727	61.739	67.544	65.889	65.556	65.396

Fonte: ALACERO/Aço Brasil.

Consumo Per Capita de Aço Bruto - 2014

Países	kg/hab
Coreia do Sul	1.166
Japão	573
China	531
Alemanha	512
Itália	383
Estados Unidos	377
Rússia	342
Espanha	246
México	215
Chile	178
Brasil	140
Argentina	136
Ucrânia	107

Fonte: WSA/Aço Brasil.

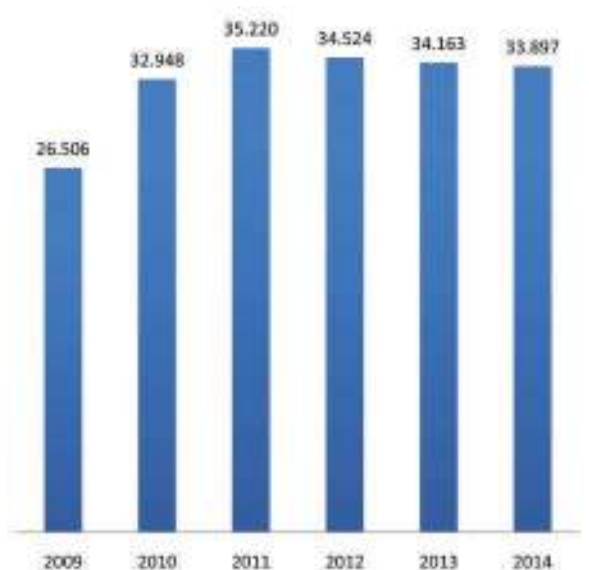




Siderurgia Brasileira



Produção Brasileira de Aço Bruto

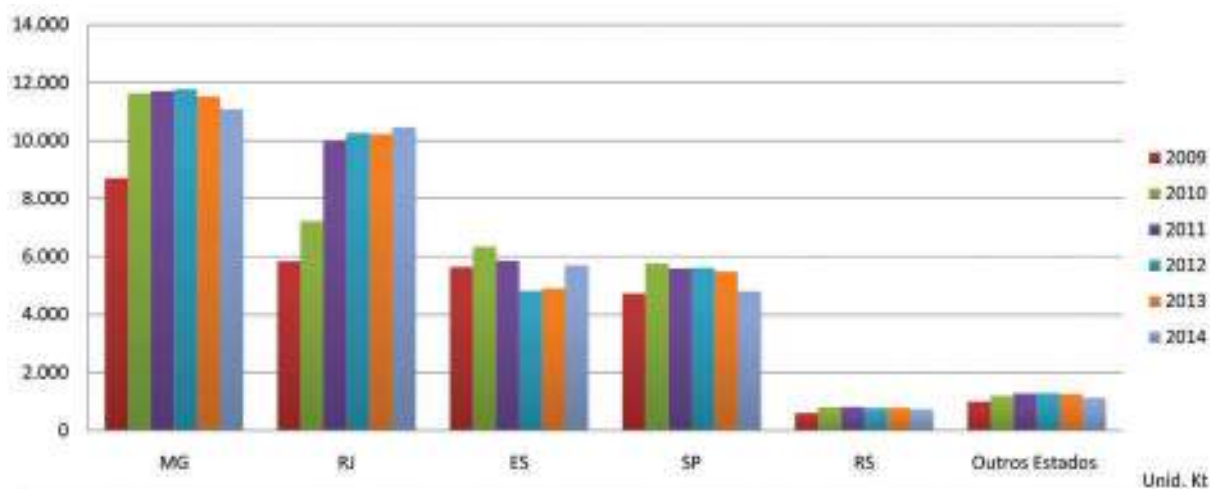


Discriminação	2009	2010	2011	2012	2013	2014
Produção Brasileira	26.506	32.948	35.220	34.524	34.163	33.897

Fonte: IBR.

- Em 2014, o Brasil se manteve como o nono produtor mundial de aço, apesar da queda de 1% em relação a 2013.
- Na últimos anos, a produção brasileira ficou estagnada em torno de 34 milhões de toneladas e a participação do Brasil na produção mundial de aço bruto caiu de 3% para 2%.
- No mesmo período, houve uma grande transferência de margem da siderurgia para o setor de mineração, o que levou as siderúrgicas a priorizarem os investimentos na verticalização (produção própria de minério de ferro), em detrimento dos investimentos em aumento de capacidade.
- A baixa rentabilidade do setor siderúrgico, aliada ao crescente excedente de capacidade, tanto interna quanto externamente, tem inibido e/ou postergado investimentos do setor no Brasil.
- O estado de Minas Gerais continua sendo o maior produtor brasileiro de aço, com 32,7% de participação, seguido de perto pelo Rio de Janeiro com 30,9%.
- Os investimentos da Gerdau em planos e da CSN em longos não resultou em aumento da capacidade de aço bruto. Esses investimentos foram realizados na laminação.

Produção Brasileira de Aço Bruto por Estado

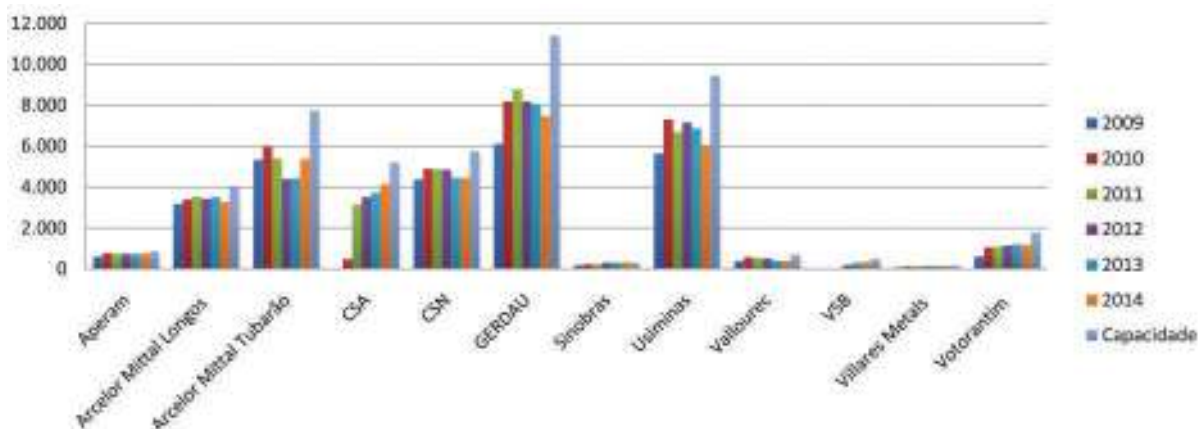


Estados	2009	2010	2011	2012	2013	2014
MG	8.705	11.634	11.704	11.780	11.522	11.086
RJ	5.837	7.221	9.980	10.261	10.225	10.459
ES	5.638	6.335	5.858	4.809	4.896	5.699
SP	4.730	5.765	5.586	5.607	5.480	4.800
RS	604	803	812	776	781	728
Outros Estados	992	1.190	1.280	1.291	1.259	1.125
Total	26.506	32.948	35.220	34.524	34.163	33.897

Fonte: Aço Brasil.

Inclui a produção para vendas dentro do país.

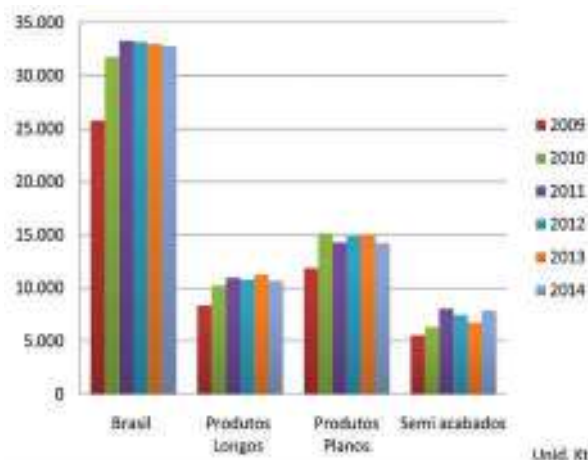
Produção de Aço Bruto por Empresa



Empresa	2009	2010	2011	2012	2013	2014	Capacidade(1)
Aperam	607	771	739	728	739	745	868
Arcelor Mittal Longos	3.171	3.394	3.538	3.423	3.510	3.273	3.970
Arcelor Mittal Tubarão	5.334	5.956	5.405	4.390	4.430	5.368	7.740
CSA	0	478	3.147	3.510	3.721	4.134	5.200
CSN	4.375	4.902	4.874	4.847	4.457	4.458	5.750
GERDAU	6.105	8.177	8.777	8.181	8.063	7.458	11.400
Sinobras	181	239	243	319	314	331	300
Usiminas	5.637	7.298	6.698	7.157	6.859	6.054	9.457
Vallourec	387	573	537	511	421	404	700
VSB	0	0	39	192	304	352	500
Villares Metals	92	119	137	121	141	140	165
Votorantim	617	1.041	1.086	1.145	1.204	1.180	1.790
Total	25.889	32.948	35.220	34.524	34.163	33.897	47.840

Fonte: Aço Brasil.
 (1) Estimado pelo SICETEL.

Produção de Aço Acabado para Venda



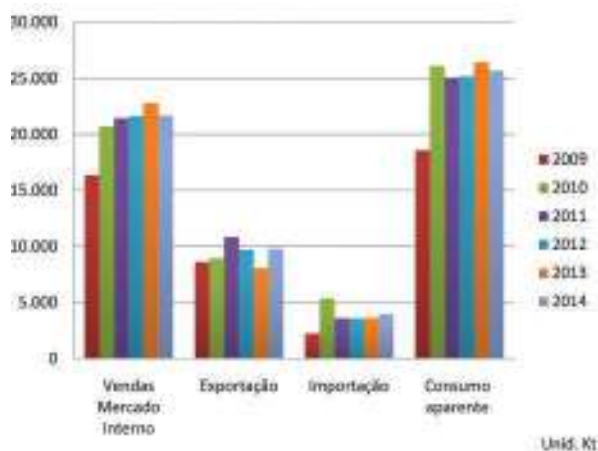
Produtos	2009	2010	2011	2012	2013	2014
Brasil	25.766	31.735	33.291	33.166	32.990	32.793
Produtos Longos	8.371	10.238	10.975	10.799	11.250	10.688
Produtos Planos	11.852	15.163	14.265	14.897	15.014	14.229
Semi-acabados	5.543	6.334	8.051	7.472	6.737	7.876

Fonte: Aço Brasil.
 Inclui as vendas para dentro do parque.

- O volume de produto acabado para venda no Brasil em 2014 manteve-se estável em torno de 33 milhões de toneladas, nível ligeiramente superior ao atingido antes da crise econômica de 2008.
- Em 2014, o segmento de semiacabados foi o único que aumentou a produção em relação ao ano anterior: cresceu 16,9%, enquanto o setor de longos reduziu a produção para a venda em 5% e o de planos caiu 5,2%.
- O projeto da CSA foi o maior investimento do setor siderúrgico nos últimos anos e se destina a produção de placas para exportação às empresas do grupo Thyssen nos EUA e na Europa.
- Esse projeto acabou custando muito mais do que o previsto inicialmente e entrou em operação em um momento muito ruim para a siderurgia. A Thyssen, dentro de um processo de reestruturação do seu negócio siderúrgico, tentou se desfazer desta unidade, mas até o momento não teve êxito.

Consumo Aparente de Aço para Venda

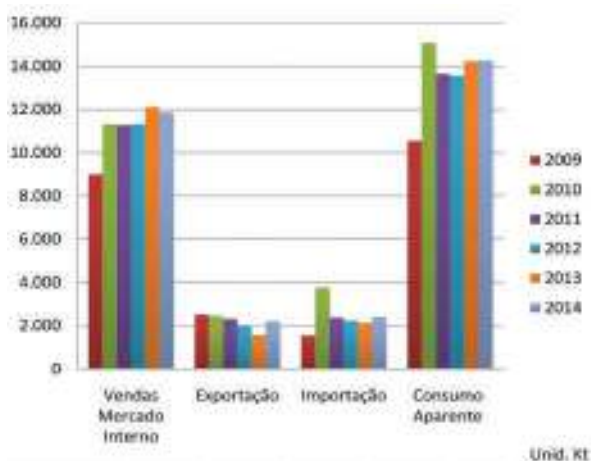
- Em 2014, o consumo aparente de aço acabado para venda caiu 2,8% em relação a 2013, e as vendas das siderúrgicas nacionais no mercado brasileiro caíram 4,8%.
- As exportações cresceram em 2014 significativos 20,9%, crescimento fortemente influenciado pelo aumento das exportações de planos e de semiacabados.
- Apesar do elevado aumento das exportações em 2014, o volume exportado apenas voltou ao níveis de 2012.
- As importações diretas de aço subiram 9,5% em 2014 em relação ao ano anterior, mas no mesmo período as importações indiretas cresceram 17,9%.
- A participação das importações diretas no consumo aparente foi de 15,5% em 2014, mostrando que está havendo uma consolidação do aço estrangeiro no Brasil. Apesar da participação atual ser inferior ao pico de 20,6% de 2010, é muito superior aos 7,4% registrados em 2007.



Item	2009	2010	2011	2012	2013	2014
Vendas Mercado Interno	16.345	20.716	21.431	21.603	22.794	21.709
Exportação	8.633	8.968	10.847	9.723	8.091	9.781
Importação	2.251	5.368	3.601	3.578	3.631	3.976
Consumo aparente	18.576	26.104	29.032	25.181	26.425	25.685

Fonte: Aço Brasil.
Está as vendas para dentro do parque siderúrgico e as importações das usinas.

Consumo Aparente de Planos



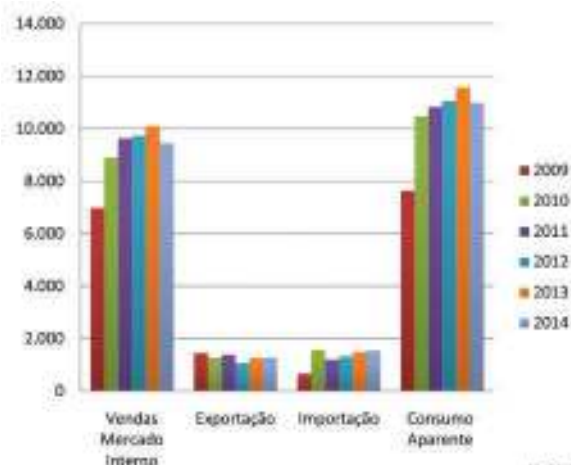
Item	2009	2010	2011	2012	2013	2014
Vendas Mercado Interno	8.990	11.316	11.269	11.319	12.099	11.856
Exportação	2.518	2.455	2.302	2.023	1.562	2.204
Importação	1.549	3.767	2.379	2.244	2.141	2.414
Consumo aparente	10.539	15.083	13.648	13.563	14.240	14.270

Fonte: Aço Brasil.
Está Usos e Planos - inclui planos e importações das usinas.

- O consumo aparente de aços planos manteve-se estável em 2014 em relação ao ano anterior, e as vendas das siderúrgicas nacionais no mercado interno caíram 2%.
- As exportações cresceram 41,1% e as importações 12,8% em relação ao ano anterior.
- Os setor de planos é o mais afetado pelas importações de produtos siderúrgicos, seja por via direta ou indireta.
- As importações diretas representaram 16,9% do consumo aparente do ano passado, um "import penetration" muito superior aos 8% de 2007.
- O único investimento para aumento de capacidade de produção nesse setor é o do grupo Gerdau, para produção de chapa grossa e bobinas laminadas a quente na usina da Açominas em Minas Gerais.
- Atualmente, o Grupo Usiminas é o único produtor nacional de chapa grossa.
- Nos últimos anos, as siderúrgicas passaram a priorizar os investimentos para a produção própria de minério de ferro.

Consumo Aparente de Longos

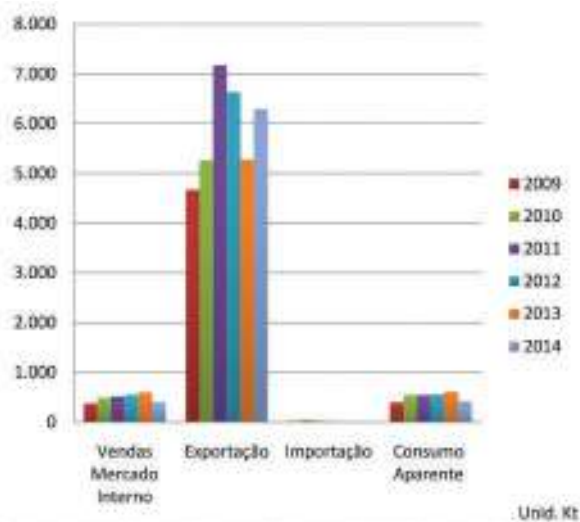
- O consumo aparente de longos caiu 5,1% e as vendas das siderúrgicas nacionais no mercado interno caíram 6,5% em 2014 em relação ao ano anterior.
- No ano passado, tanto as importações como as exportações de longos se mantiveram estáveis.
- A participação das importações no consumo aparente de 2014 foi de 14,1%.
- Existia uma expectativa muito boa para este setor com os investimentos previstos para a Copa do Mundo de 2014 e das Olimpíadas em 2016, além das obras do PAC e do programa Minha Casa Minha Vida, mas o que se viu foi um consumo aparente estagnado em torno de 11 milhões de toneladas nos últimos quatro anos.
- Os investimentos na duplicação da produção de longos na usina de João Monlevade, do grupo ArcelorMittal, estão suspensos aguardando melhores perspectivas de mercado.
- A CSN é o novo player deste mercado com investimento em uma linha de produção de longos na sua usina de Volta Redonda.



Item	2009	2010	2011	2012	2013	2014
Vendas Mercado Interno	6.979	8.905	9.641	9.739	10.098	9.444
Exportação	1.449	1.276	1.375	1.063	1.255	1.282
Importação	656	1.568	1.197	1.318	1.479	1.547
Consumo Aparente	7.635	10.473	10.838	11.057	11.577	10.991

Fonte: Aço Brasil.
Exclui as vendas de ligotas, fios e tiras e as importações das usinas.
Inclui Tubos sem costura e Trefilados.

Consumo Aparente de Semi Acabados

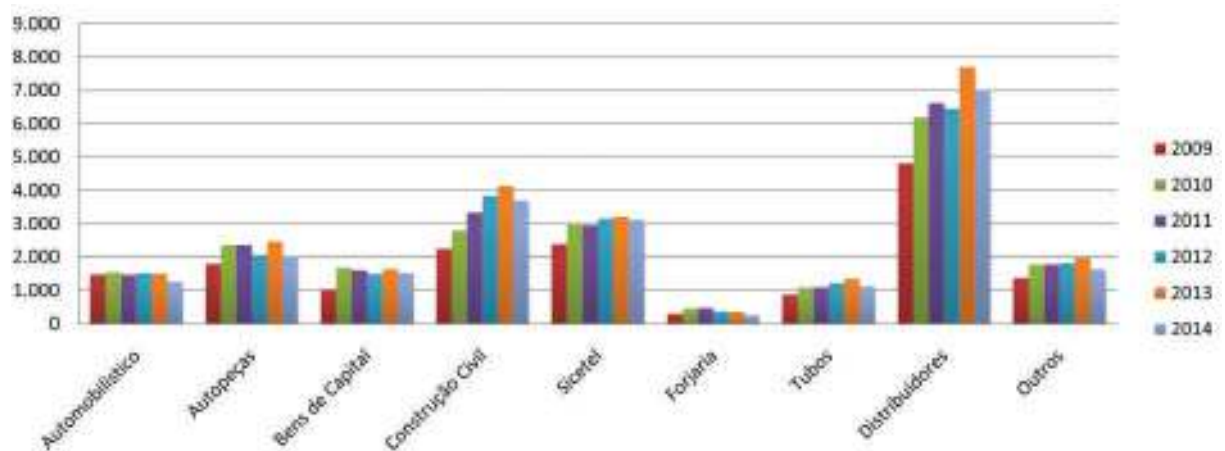


Item	2009	2010	2011	2012	2013	2014
Vendas Mercado Interno	376	495	521	545	597	409
Exportação	4.668	5.257	7.170	6.637	5.274	6.295
Importação	26	53	25	16	11	15
Consumo Aparente	402	548	546	561	608	424

Fonte: Aço Brasil.
Exclui as vendas para dentro do parque e as importações das usinas.

- No Brasil, esse é um produto típico de exportação. O consumo aparente representa menos de 10% da produção nacional, e as importações são insignificantes.
- O consumo aparente em 2014 caiu 30,3% em relação a 2013, mas as exportações subiram 19,4% no mesmo período.
- O aumento das exportações de placas foi resultado da volta da ArcelorMittal Tubarão ao mercado de exportação de placas no final do ano passado.
- A empresa havia se retirado do mercado de placas em 2013 devido a baixa rentabilidade desse produto no mercado internacional.
- A entrada da CSA no mercado não tinha, até agora, resultado em aumento da produção nacional de placas. A sua produção estava compensando a redução da produção da ArcelorMittal Tubarão, até então o grande player do mercado.
- A Vale ainda mantém em execução o projeto do Ceará, em associação com a Donkuk e a Baosteel.

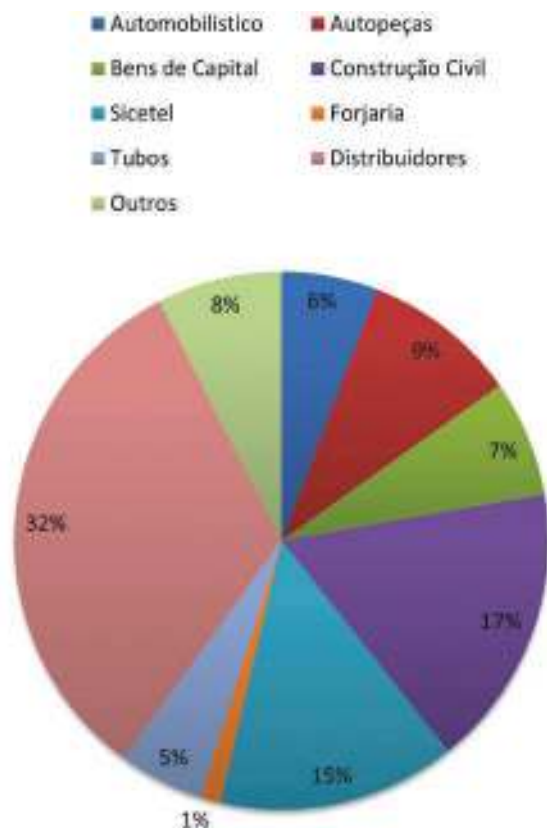
Evolução Setorial das Vendas - 2014



Setores	2009	2010	2011	2012	2013	2014	Unid. Mil
Automobilístico	1.477	1.550	1.473	1.513	1.504	1.267	
Autopeças	1.804	2.367	2.374	2.064	2.475	2.094	
Bens de Capital	1.039	1.687	1.607	1.499	1.635	1.526	
Construção Civil	2.252	2.799	3.335	3.850	4.137	3.700	
Sicetel	2.398	2.994	2.956	3.162	3.220	3.127	
Forjaria	305	464	482	382	363	259	
Tubos	873	1.094	1.099	1.226	1.358	1.129	
Distribuidores	4.816	6.198	6.621	6.453	7.702	7.027	
Outros	1.381	1.783	1.792	1.825	1.993	1.640	
Total	16.345	20.936	21.738	21.974	24.387	21.709	

Fonte: IABR
Exclui a venda de trellados nos Setores. Inclui a venda de trellados no SICETEL.

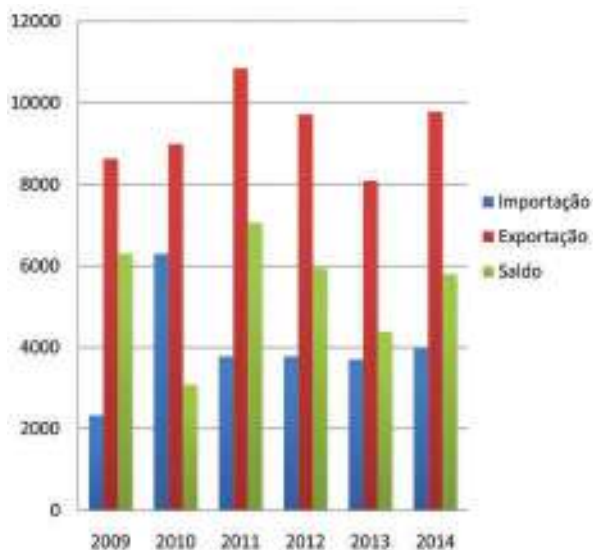
Distribuição Setorial das Vendas - 2014



- O SICETEL, Sindicato Nacional da Indústria de Trefilação e Laminação de Metais Ferrosos, agrega os produtores de aço trefilado (arames e barras), relaminados (tiras e fitas), perfis e artefatos de arames.
- É a primeira etapa a jusante da siderurgia na cadeia metal-mecânica, que tem na indústria automobilística a última etapa da cadeia e a siderurgia com a primeira.
- As empresas associadas ao SICETEL processam 15% das vendas internas das siderúrgicas nacionais.
- O setor da construção civil consumiu diretamente 17% das vendas das siderúrgicas no mercado doméstico.
- A cadeia automobilística absorve 31% das vendas das siderúrgicas, considerando as compras diretas das montadoras e dos setores satélites como as autopeças, o SICETEL e as forjarias.
- O setor da distribuição é o canal para escoamento de 32% das vendas das siderúrgicas brasileiras.
- Em relação a 2013, as vendas das siderúrgicas brasileiras em 2014 caíram 11% e esta queda ocorreu de forma generalizada em todos os setores consumidores de aço.

Comércio Exterior de Produtos Siderúrgicos

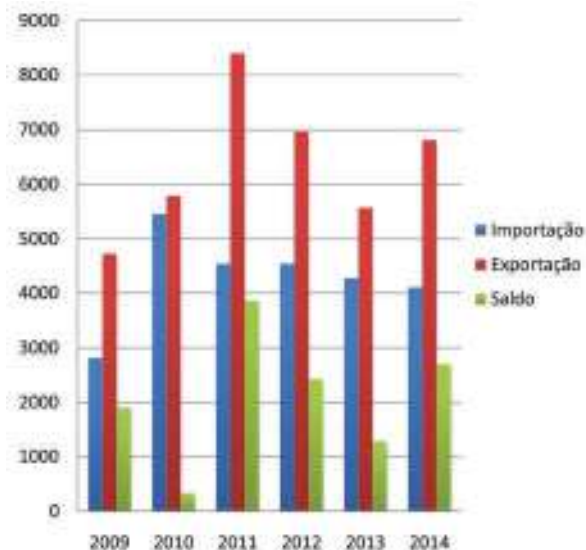
Toneladas 10³



Item	2009	2010	2011	2012	2013	2014
Importação	2.332	6.301	3.783	3.784	3.704	3.978
Exportação	8.633	8.988	10.847	9.723	8.091	9.781
Saldo	6.301	3.090	7.064	5.939	4.387	5.803

Fonte: MDIC/SICEX.

Milhões de Dólares



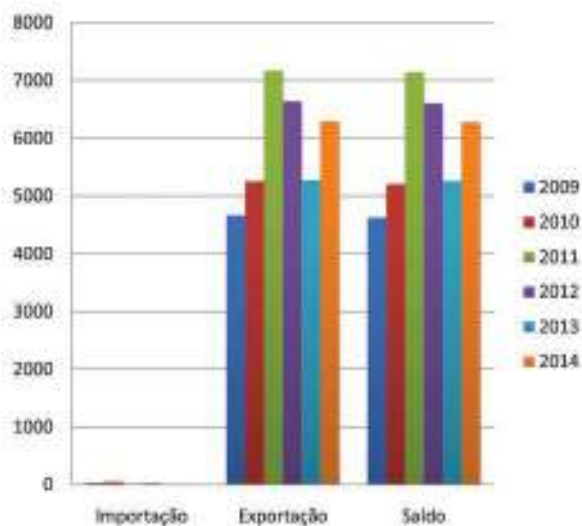
Item	2009	2010	2011	2012	2013	2014
Importação	2.815	5.457	4.541	4.542	4.281	4.109
Exportação	4.720	5.794	8.401	6.967	5.567	6.808
Saldo	1.905	337	3.860	2.425	1.286	2.699

Fonte: MDIC/SICEX.

- O saldo comercial dos produtos siderúrgicos em 2014 cresceu 32,3% em toneladas e 109,9% em dólares, em relação a 2013. Em relação a 2009, houve uma queda de 7,9% em toneladas e um aumento de 41,7% em dólares.
- As importações de aço em 2014 subiram 7,4% em toneladas e caíram 4% em relação ao ano anterior em dólares, mas aumentaram 70,6% em toneladas e 46% em dólares, em relação a 2009.
- As exportações em 2014 subiram 20,9% em toneladas e 22,3% em dólares sobre o ano anterior; em relação a 2009, o aumento foi de 13,3% em toneladas e de 44,2% em dólares.
- O superávit comercial dos produtos siderúrgicos é, em sua totalidade, originário das exportações de semiacabados; o superávit de semiacabados compensa os déficits dos produtos longos e dos produtos planos.
- Até mesmo dentro dos produtos siderúrgicos as exportações brasileiras estão concentradas nas linhas de produtos de menor valor agregado.
- As exportações de semiacabados de 2014, em toneladas, cresceram 19,4% em relação a 2013 e 34,9% em relação a 2009. Em dólares, as exportações de 2014 subiram 17,9% em relação ao ano anterior e 83,6% em relação a 2009.
- As variações do superávit comercial são semelhantes às variações das exportações de semiacabados. Trata-se de um produto típico de exportação e as vendas domésticas e as importações desses produtos são desprezíveis.
- A CSA – Cia Siderúrgica do Atlântico entrou em operação em 2011 com capacidade instalada de 5 milhões de toneladas, mas a ArcelorMittal Tubarão, tradicional player desse segmento, suspendeu as suas exportações a partir de 2012. O retorno da ArcelorMittal ao mercado de exportação em 2014 deverá garantir um superávit crescente para estes produtos nos próximos anos.

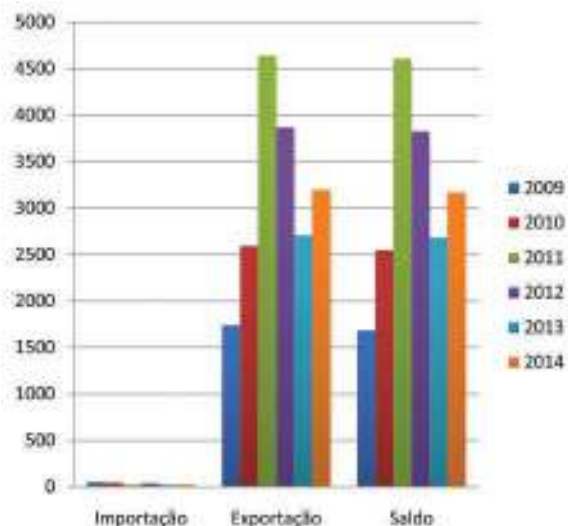
Comércio Exterior de Semi Acabados

Toneladas 10³



Fonte: MDIC/SECEX.

Milhões de Dólares



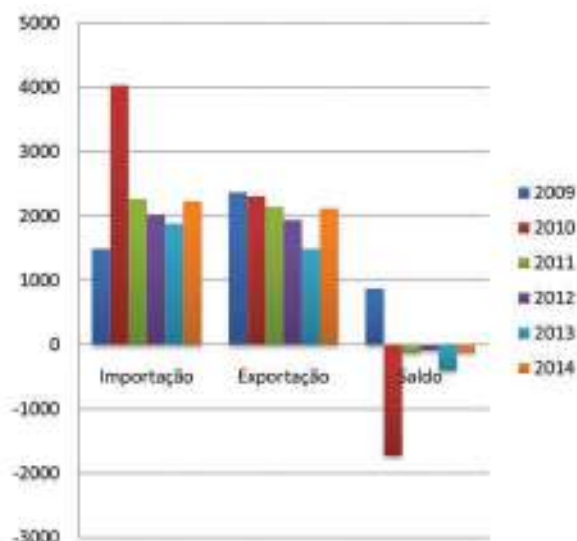
Fonte: MDIC/SECEX.

Comércio Exterior de Planos e Longos

- O déficit comercial de produtos planos em 2014 caiu para 115 mil toneladas, equivalente a 312 milhões de dólares. A queda em relação a 2013 foi de 71% em toneladas e de 35% em dólares.
- Apesar de ainda apresentar déficit no comércio exterior de planos este déficit hoje é muito inferior ao pico de 2010 com 1,7 milhões de toneladas, o equivalente a 1,4 bilhão de dólares.
- As importações de planos em 2014, em toneladas, cresceram 18,6% em relação ao ano anterior e 49,6% em relação a 2009.
- As exportações de planos em 2014 cresceram 42,3% em toneladas e 29,7% em dólares sobre o ano anterior, mas, em relação a 2009, houve uma queda de 10,7% em toneladas e de 4,1% em dólares.
- O setor de longos apresentou em 2014 um déficit comercial de 25 mil toneladas, e um superávit de 275 milhões de dólares.
- As importações de longos em 2014 ficaram estáveis em volume mas caíram 13,7% em dólares em relação ao ano anterior; em relação a 2009, houve um aumento de 143,5% em toneladas e 70,1% em dólares.
- As exportações de longos em 2014 subiram 3,2% em toneladas e 14,5% em dólares sobre o ano anterior, mas, em relação a 2009, houve uma queda de 11,5% em toneladas e aumento de 69,3% em dólares.
- Em 6 anos, o Brasil passou de exportador de laminados de aço para importador, e, o mais preocupante, é que os números acima refletem apenas as importações diretas, sendo que as importações indiretas são maiores.

Comércio Exterior de Planos

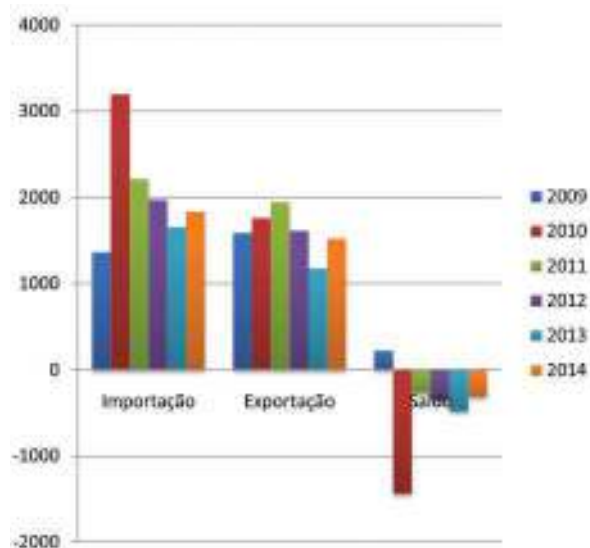
Toneladas 10³



Itens	2009	2010	2011	2012	2013	2014
Importação	1.494	4.037	2.270	2.027	1.885	2.235
Exportação	2.374	2.313	2.146	1.940	1.490	2.120
Saldo	880	-1.724	-124	-87	-395	-115

Fonte: MDIC/SECEX.

Milhões de Dólares

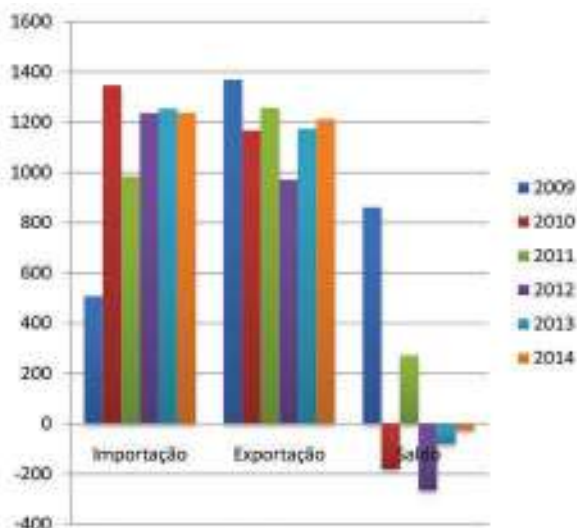


Itens	2009	2010	2011	2012	2013	2014
Importação	1.363	3.196	2.212	1.970	1.653	1.833
Exportação	1.586	1.758	1.947	1.613	1.173	1.521
Saldo	223	-1.438	-265	-357	-480	-312

Fonte: MDIC/SECEX.

Comércio Exterior de Longos

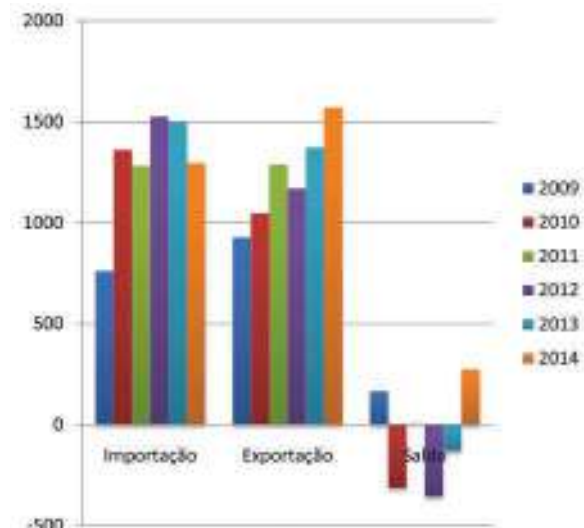
Toneladas 10³



Itens	2009	2010	2011	2012	2013	2014
Importação	508	1.347	985	1.236	1.254	1.237
Exportação	1.369	1.167	1.258	971	1.174	1.212
Saldo	861	-180	273	-265	-80	-25

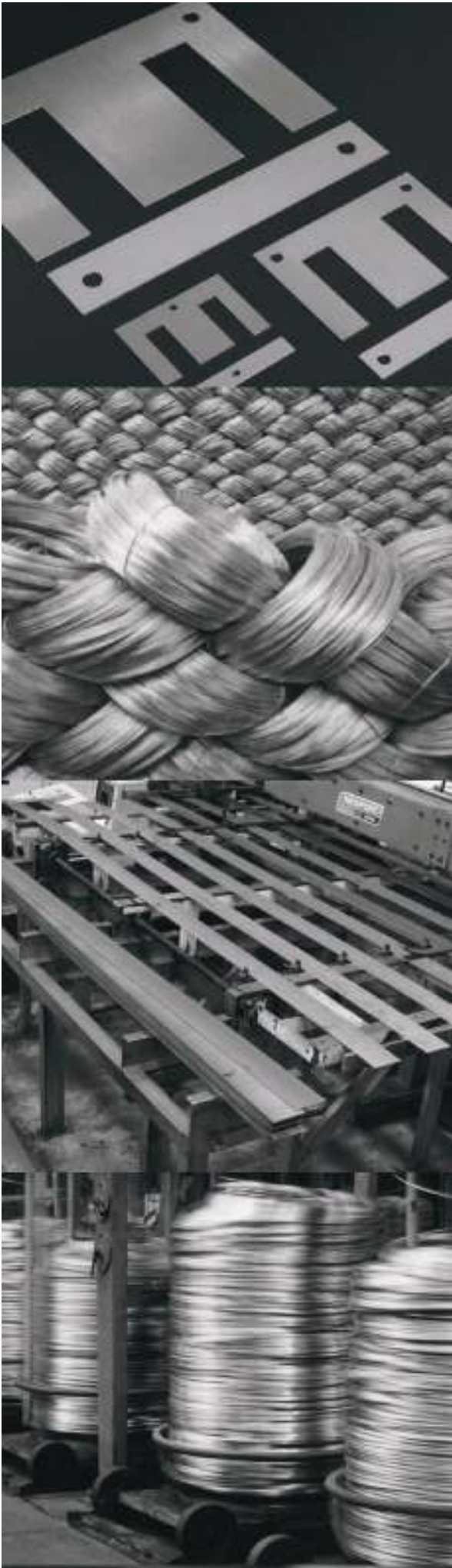
Fonte: MDIC/SECEX.

Milhões de Dólares



Itens	2009	2010	2011	2012	2013	2014
Importação	762	1.360	1.282	1.526	1.501	1.296
Exportação	928	1.047	1.289	1.171	1.372	1.571
Saldo	166	-313	7	-355	-129	275

Fonte: MDIC/SECEX.



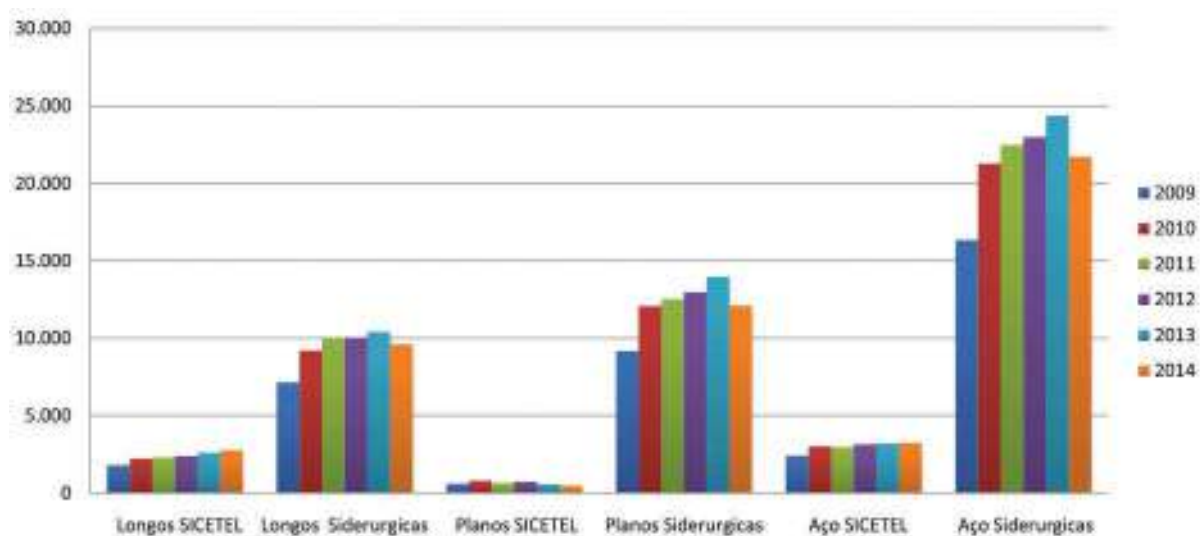
SICETEL



SICETEL

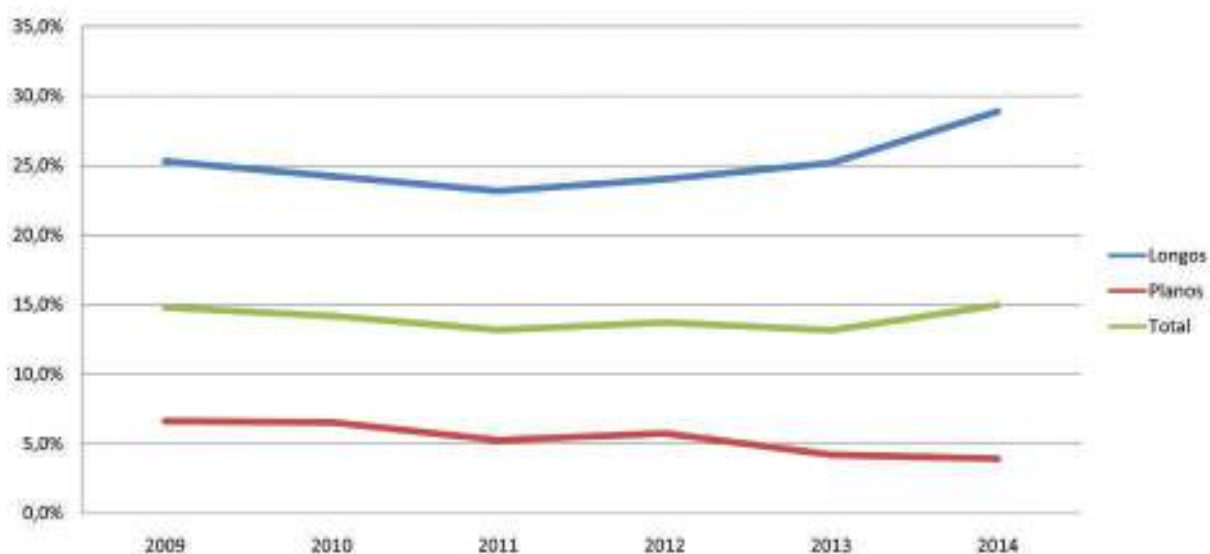
- O SICETEL – Sindicato Nacional da Indústria de Trefilação e Laminação de Metais Ferrosos congrega as empresas fabricantes de produtos derivados do aço, tais como barras trefiladas, arames, perfis, tiras e fitas relaminadas e diversos derivados de arames como telas metálicas, cabos e cordoalhas, correntes industriais, pregos, grampos e cliques, dentre outros.
- O Sindicato tem 80 empresas associadas e representa cerca de 300 produtores, congregando empresas independentes e siderúrgicas verticalizadas.
- Constitui-se no primeiro elo da cadeia metal-mecânica a jusante da Indústria siderúrgica e a montante da indústria automobilística.
- Desdobra mais de 3 milhões de toneladas de aço/ano, sendo responsável pelo processamento de 15% do volume ofertado pelas siderúrgicas nacionais ao mercado interno.
- Faturamento anual superior a 5 bilhões de reais.
- Emprega cerca de 35 mil trabalhadores diretos.

Volume de Aço Processado pelo SICETEL



Produtos	2009	2010	2011	2012	2013	2014	Unid. Kt
Longos SICETEL	1.811	2.229	2.307	2.408	2.621	2.773	
Longos Siderúrgicas	7.162	9.201	9.959	10.029	10.413	9.602	
Planos SICETEL	608	790	659	745	588	475	
Planos Siderúrgicas	9.183	12.080	12.534	12.965	13.975	12.107	
Aço SICETEL	2.419	3.019	2.966	3.153	3.209	3.248	
Aço Siderúrgicas	16.345	21.281	22.493	22.994	24.388	21.709	

Evolução da Participação do SICETEL

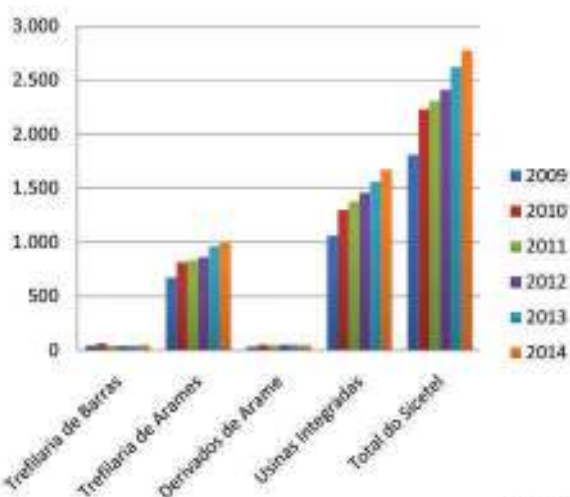


Produtos	2009	2010	2011	2012	2013	2014
Longos	25,3%	24,2%	23,2%	24,0%	25,2%	28,9%
Planos	6,6%	6,5%	5,3%	5,7%	4,2%	3,9%
Total	14,8%	14,2%	13,2%	13,7%	13,2%	15,0%

Fonte: IABR.

- O volume de aço processado pelas empresas do SICETEL cresceu 1,2% de 2013 para 2014. Em relação a 2009, o crescimento foi de 34,3%, lembrando que 2009 foi um ano de recessão e, portanto, a base é muito baixa.
- A participação do Sictel nas vendas das siderúrgicas brasileiras oscilou entre 14 e 15% de 2009 a 2014.
- Embora o Sictel tenha mantido a sua participação nas vendas das siderúrgicas no período, as usinas nacionais perderam mercado para o aço importado. Portanto, as empresas do Sictel perderam participação no consumo aparente do segmento. As importações diretas de aço passaram de 2,3 milhões de toneladas em 2009 para 3,9 milhões de toneladas em 2014.
- Se considerarmos que, para cada tonelada de aço importada diretamente, outras 1,2 toneladas são importadas indiretamente através de produtos da indústria automobilística, da indústria de máquinas e equipamentos e outros, a perda de oportunidade de negócios do segmento é muito grande.
- As importações diretas de aço nos últimos anos apresentaram uma grande redução em relação ao pico de 2010, mas as importações indiretas tem crescido a cada ano.
- O SICETEL tem atuado junto aos órgãos governamentais, em sintonia com as siderúrgicas e com as demais Entidades representativas da cadeia metal-mecânica em defesa da produção nacional.
- No segmento de longos, a participação das empresas do SICETEL atingiu 28,9% em 2014; no entanto no período de 2009 a 2013 a participação oscilou entre 23 e 25%.
- No segmento de planos, houve uma queda de 41% na participação do Sictel, passando de 6,6% em 2009 para 3,9% em 2014. A queda da participação das nossas associadas tem sido uma constante desde 2009, com apenas uma interrupção leve em 2012.

Evolução do Volume de Longos



Produtos	2009	2010	2011	2012	2013	2014
Trefilarias de Barras	44	63	45	40	44	48
Trefilarias de Arames	674	815	836	862	964	1.005
Derivados de Arame	32	52	47	48	52	48
Usinas Integradas	1.061	1.299	1.379	1.458	1.561	1.672
Total do Sicetel	1.811	2.229	2.307	2.408	2.621	2.773

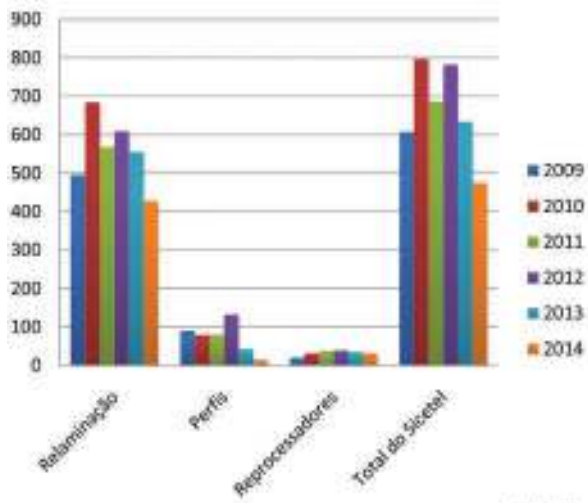
Fonte: IABR.

Participação no Consumo de Longos



- O volume de aços longos de produção nacional processado pelo SICETEL cresceu 5,8% em 2014 em relação a 2013 e 53,1% em relação a 2009.
- Os sub segmentos de trefilados aumentaram o volume processado em 2014 em relação a 2013, mas o de derivados de arame caiu 7,7% ; o crescimento variou 7,1% nas usinas integradas, 4,3% nas trefilarias de arames independentes e 9,1% nas trefilarias de barras.
- Quando analisamos o volume de aços longos processado em 2014, comparativamente com 2009, vemos que todos os sub segmentos aumentaram esse volume no período. As trefilarias de barras cresceram 9,1%, os sub segmentos de derivados de arames subiram 50% e as trefilarias de arames independentes e as trefilarias integradas aumentaram 49,1% e 57,60%, respectivamente.
- As trefilarias integradas são responsáveis por 60% do volume de longos processados pelo SICETEL, as trefilarias independentes por 36% e os outros segmentos por 4%.
- O volume de aços planos processado pelo SICETEL em 2014 caiu 25,1% em relação ao ano de 2013 e 21,9% em relação ao volume de 2009. Todos os sub segmentos de planos apresentaram queda no volume processado em 2014 comparado com 2013. Quando comparamos com 2009, somente os reprocessadores de aços magnéticos cresceram.
- O segmento de relaminação processou, em 2014, um volume 23,0% menor que 2013, e 13,7% abaixo de 2009.
- O segmento de perfis apresentou, em 2014, uma queda de 65,1% em relação a 2013 e ficou 83,5% abaixo do volume de 2009.
- O segmento de reprocessadores de aços magnéticos, em 2014, processou volumes 8,6% menores que 2013, mas 52,4% maiores que 2009.
- O segmento de relaminação é responsável por 90% do aço plano processado pelo SICETEL, o segmento de perfis por 3% e os reprocessadores por 7%.

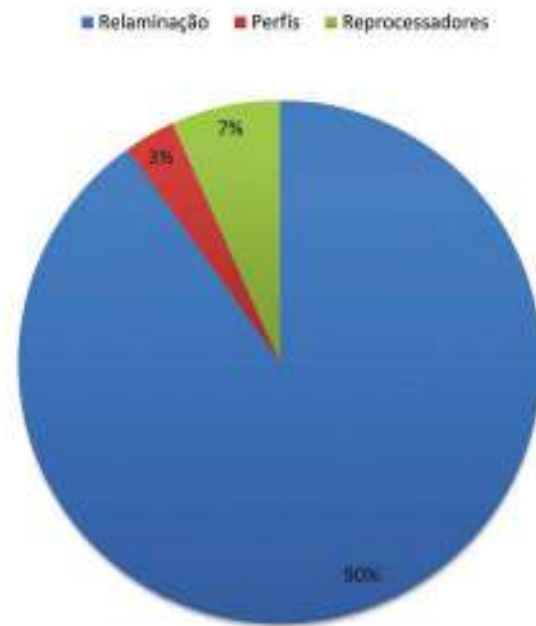
Evolução do Volume de Planos



Produtos	2009	2010	2011	2012	2013	2014
Relaminação	496	685	568	610	556	428
Perfis	91	80	81	133	43	15
Reprocessadores	21	32	38	40	35	32
Total do Sisetel	608	797	687	783	634	475

Fonte: ABR.

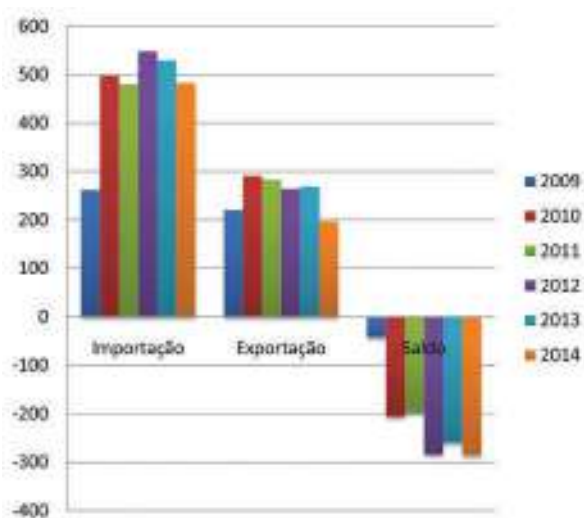
Participação no Consumo de Planos



Comércio Exterior do Aço - SICETEL

- O grupo de produtos fabricados pelas empresas associadas do SICETEL vem apresentando um déficit comercial nos últimos 6 anos; passou de um déficit de 141,9 milhões de dólares em 2009 para um déficit de 444,4 milhões em 2014. Em toneladas, passou de um déficit de 42 mil em 2009 para um déficit de 286 mil em 2014.
- Em dólares, as importações em 2014 caíram 14,4% em relação a 2013 mas, em peso, a queda foi menor: 8,7%. Em relação a 2009, o aumento das importações em dólares foi de 64,8% e, em peso, o crescimento atingiu 84,4% no mesmo período.
- As exportações do setor em 2014 caíram 20,2% em relação a 2013 em dólares e, em peso, 26,8%. Em relação a 2009, a queda em dólares foi de 1,3% e, em peso, foi de 10,5%.
- Os produtos reprocessados de aço plano registraram em 2014 um déficit comercial de 67,7 milhões de dólares, equivalente a 63 mil toneladas, enquanto que em 2009 tinham um déficit de 45,2 milhões de dólares, e um superávit equivalente a 26 mil toneladas.
- As importações em 2014, em toneladas, caíram 27,7% em relação a 2013, e, em dólares, a queda foi de 49,9%. Em relação a 2009, as importações cresceram 79,7% em toneladas, em dólares elas caíram 4,1%.
- As exportações em 2014 caíram 50,4% em relação a 2013 em toneladas, e 52,8% em dólares. Em relação a 2009, as exportações caíram 30% em peso e 28,7% em dólares.
- O déficit comercial dos produtos reprocessados de longos em 2014 foi de 376,7 milhões de dólares, equivalente a 223 mil toneladas; em 2009, esse segmento tinha um déficit de 96,7 milhões de dólares, equivalente a 68 mil toneladas.
- Em 2014, as importações em toneladas cresceram 1,2% em relação a 2013; em dólares, o aumento foi de 1,6%. Em relação a 2009 as importações cresceram 85,6% em toneladas e 96,1% em dólares.
- Em peso, as exportações em 2014 caíram 1,6% em relação a 2013, e, em dólares, ficaram estáveis. Em relação a 2009, as exportações subiram 5% em peso e 11,0% em dólares.
- A deterioração do saldo comercial do setor reflete a forte perda de competitividade da cadeia metal-mecânica desde a crise internacional de 2008.

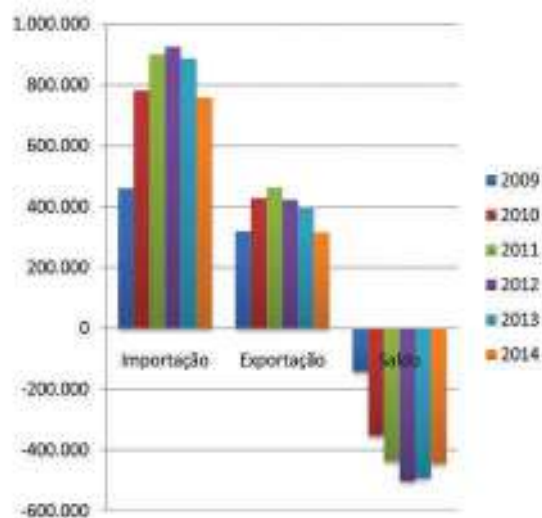
Toneladas 10³



Item	2009	2010	2011	2012	2013	2014
Importação	262	497	480	548	529	483
Exportação	220	291	283	264	269	197
Saldo	-42	-206	-197	-284	-260	-286

Fonte: MDIC/SECEX

Dólares 10³

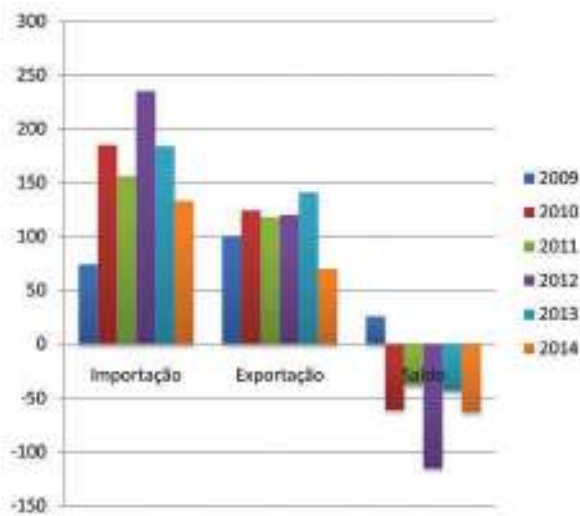


Item	2009	2010	2011	2012	2013	2014
Importação	460.550	781.589	900.848	924.984	886.368	758.911
Exportação	318.638	428.446	464.129	422.778	394.412	314.551
Saldo	-141.911	-353.143	-436.720	-502.206	-491.956	-444.360

Fonte: MDIC/SECEX

Comércio Exterior de Planos - SICETEL

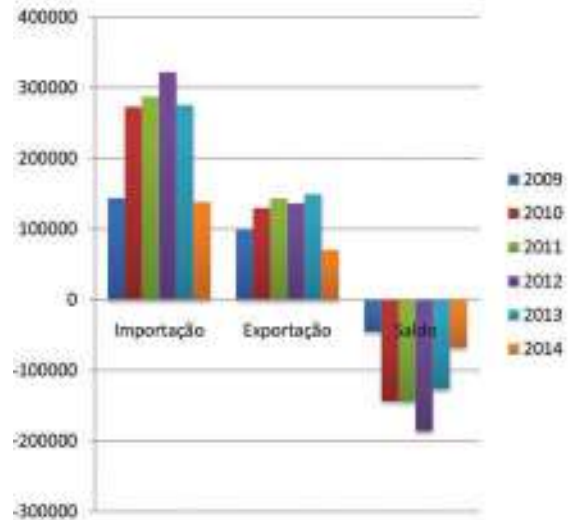
Toneladas 10³



Item	2009	2010	2011	2012	2013	2014
Importação	74	185	156	235	184	133
Exportação	100	124	118	120	141	70
Saldo	26	-61	-38	-115	-43	-63

Fonte: MDIC/SECEX.

Dólares 10³

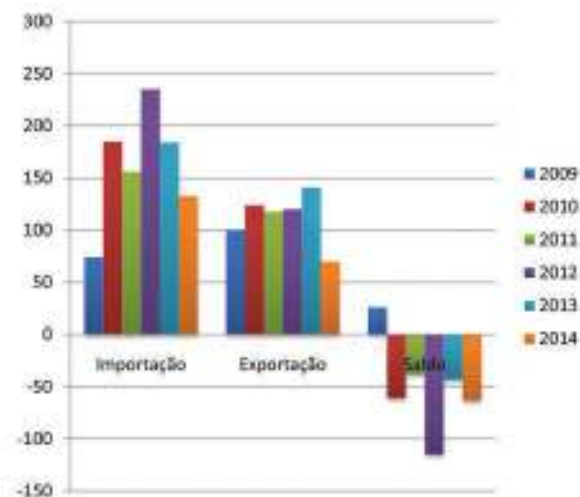


Item	2009	2010	2011	2012	2013	2014
Importação	144.004	272.909	287.355	322.207	275.516	138.158
Exportação	98.804	129.516	143.151	136.325	149.202	70.483
Saldo	-45.200	-143.393	-144.204	-185.881	-126.315	-67.675

Fonte: MDIC/SECEX.

Comércio Exterior de Longos - SICETEL

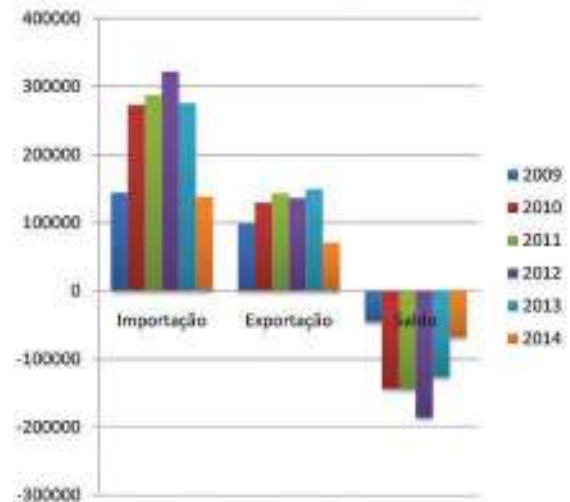
Toneladas 10³



Item	2009	2010	2011	2012	2013	2014
Importação	74	185	156	235	184	133
Exportação	100	124	118	120	141	70
Saldo	26	-61	-38	-115	-43	-63

Fonte: MDIC/SECEX.

Dólares 10³



Item	2009	2010	2011	2012	2013	2014
Importação	144.004	272.909	287.355	322.207	275.516	138.158
Exportação	98.804	129.516	143.151	136.325	149.202	70.483
Saldo	-45.200	-143.393	-144.204	-185.881	-126.315	-67.675

Fonte: MDIC/SECEX.

Considerações finais

- O mercado mundial de aço vive a pior crise de sua história, com um excedente de capacidade de produção de 700 milhões de toneladas/ano, e que deverá crescer nos próximos anos.
- Atualmente existe um capacidade de produção mundial de 2,4 bilhões de toneladas para um consumo de 1,7 bilhão. Este desequilíbrio deverá se agravar com entrada de novas siderúrgicas, que adicionarão mais 100 milhões de capacidade produtiva nos próximos 3 anos.
- Esse excedente dificultará a recuperação dos preços do aço, comprometendo a rentabilidade do setor.
- A China, o maior produtor mundial de aço, tem um excedente de capacidade de 400 milhões de toneladas e, segundo dados da OCDE, as siderúrgicas chinesas trabalham com uma rentabilidade próxima de zero, o que torna impossível a competição nestas condições.
- As principais siderúrgicas do mundo vem trabalhando junto as entidades do setor e a OCDE, para sensibilizar os governos sobre a necessidade de se reduzir esse excedente de capacidade, mas qualquer solução neste sentido depende do governo chinês, que tem a maior parte desse volume.
- O mercado de minério de ferro, que nos últimos anos esteve muito aquecido, praticando elevados preços de venda e obtendo excelentes resultados, começa a conviver com um excedente de capacidade de produção que vem pressionando os seus preços para baixo.
- A maturação dos investimentos das mineradoras, decididos quando o preço do minério de ferro atingiu o seu pico em 2011 e era comercializado a 170 US\$/t, aliado a desaceleração da economia chinesa, tem pressionado fortemente os preços para baixo e, atualmente, são comercializados com preços em torno de 50 US\$/t.
- As siderúrgicas investiram fortemente nos últimos anos na produção própria de minério de ferro para garantir a sua sobrevivência e uma rentabilidade adequada. Com o atual cenário de mercado, parece que estes investimentos não foram bem sucedidos.
- O Brasil detém as maiores reservas de minério de ferro do mundo, com elevada qualidade e com baixo custo de produção.
- O setor siderúrgico brasileiro, em 2014, trabalhou com uma taxa de ocupação abaixo de 70% da capacidade instalada, mesmo exportando 30% da sua produção.
- Segundo informações do IABr - Instituto Aço Brasil, o Brasil importou em 2014, direta ou indiretamente, quase nove milhões de toneladas de aço, volume superior a produção dos maiores grupos brasileiros.
- A importação de produtos é importante para gerar competição no mercado e para absorver choques de demandas, enquanto se investe para aumentar a oferta local, mas a importação continuada com preços deprimidos poderá levar à estagnação da produção local.
- O longo período de valorização do câmbio é o principal responsável pela não competitividade da indústria brasileira e coloca o Brasil como um País caro para viver e produzir. O Brasil acabou se tornando caro antes de se tornar rico e está se desindustrializando antes de se tornar desenvolvido.
- O Brasil vem convivendo, nos últimos anos, com uma inflação em torno de 6% ao ano sem que a taxa de cambio tivesse uma desvalorização equivalente; muito pelo contrario, em vários períodos houve uma apreciação do real em relação às principais moedas.
- O aumento dos custos internos sem compensação na taxa de cambio reduziu a competitividade da indústria de transformação brasileira, gerando aumento das importações e queda nas nossas exportações.
- A recente desvalorização do real vai melhorar a competitividade dos produtos brasileiros, aumentar as nossas exportações e reduzir as importações, mas não será o suficiente para reverter de forma sustentável o déficit comercial da indústria de transformação, pois não foi só o real que se desvalorizou; o dólar se valorizou em relação a quase todas as moedas dos principais players internacionais.
- Precisamos de uma taxa de cambio estável próxima da taxa de equilíbrio industrial, e que o governo, de alguma forma, convença o setor industrial que o novo nível de taxa de cambio real será mantido no médio e longo prazos.
- As mudanças nas importações e nas exportações acontecem com certa defasagem em relação a taxa de cambio. Ninguém decide exportar ou deixar de importar com base na taxa de cambio de hoje, mas sim, em função da taxa projetada para um horizonte razoável no futuro.
- A taxa de cambio é importantíssima para a reindustrialização do Brasil, mas certamente não é condição suficiente. Várias outras medidas precisam ser implementadas para aumentar a competitividade da indústria de transformação, tais como:
 - 1 - Eliminar todos os impostos cumulativos;
 - 2 - Reduzir o custo de administração do sistema tributário;
 - 3 - Promover reformas no ICMS e no PIS/COFINS;
 - 4 - Investir em infraestrutura para redução dos custos logísticos;
 - 5 - Garantir fontes de financiamentos para investimentos em condições competitivas; e
 - 6 - Implantar uma política industrial e uma política de comercio exterior.
- Na definição da nova política industrial, é importante que tenhamos uma visão de cadeia produtiva e

Considerações finais

avaliemos, realisticamente, onde temos vantagens competitivas, e centralizar nessas cadeias os esforços para aumentar a competitividade da nossa indústria.

- A definição das cadeias a serem desenvolvidas pressupõe uma análise transparente de custos e benefícios, ou seja, custo para torná-la competitiva e o benefício que ela poderá gerar para o País e para a sociedade.
- Temos que ter em mente que os recursos, tanto fiscais como financeiros, são limitados, e que a maior inserção de alguns produtos no mercado internacional implicará na importação de outros.
- Os produtos das cadeias menos competitivas poderão ser moeda de troca nos acordos comerciais que temos que expandir com os Estados Unidos, União Européia e com os países latino-americanos do Pacífico.
- Atualmente, o mundo tem capacidade ociosa para a quase totalidade dos produtos industrializados, se analisarmos a economia global.
- Não existe nenhum mercado carente de fornecedores, ávidos para comprar produtos brasileiros. Assim, o aumento da inserção do produto brasileiro estará deslocando outro fornecedor e isto será feito com ganhos em alguns produtos e perdas em outros.
- Os países asiáticos, que nos últimos 40 anos se tornaram o grande sucesso industrial, tem uma visão e uma atuação equilibrada da cadeia produtiva, buscando sempre a produção e exportação de maior valor agregado.
- As cadeias produtivas devem procurar fortalecer os seus elos mais fracos, pois são esses que determinam a robustez da cadeia. Não adianta termos uma cadeia com muitos elos fortes se nela tivermos elos frágeis, pois uma cadeia produtiva só é competitiva se todos os seus elos forem competitivos. As cadeias produtivas, assim como as correntes, se rompem no elo mais fraco e não possibilita capturar todo o potencial de negócios.
- O Brasil tem grandes reservas minerais, é um importante exportador de commodities metálicas, com grandes grupos mineradores operando no País, mas não é um grande player de produtos a jusantes da cadeia metalomecânica. Exportamos grande quantidade de minérios, tanto de ferrosos como de não ferrosos, e importamos aço e transformados de não ferrosos, autopeças e automóveis.
- Não temos a cultura de atuação focada nas cadeias produtivas; cada um está preocupado com o seu elo (produto), seu mercado, sua rentabilidade, sua proteção tarifária, etc, não se preocupando e não se solidarizando com os seus fornecedores e os seus clientes.
- Temos que ter em mente que a importação de um produto do seu cliente é tão pernicioso quanto a importação do produto que a sua empresa fabrica. Apenas, a importação do primeiro demora mais para ser percebida.
- Mas, o Brasil tem que decidir se quer ter um sistema produtivo forte com importante participação da indústria no seu PIB, ou se quer ser eternamente um País exportador de matérias primas, de produtos de baixo valor agregado e um paraíso para os rentistas e os bancos.
- O SICETEL entende que somente a primeira opção poderá levar o Brasil a se tornar um País desenvolvido, com uma economia pujante, com produtos de alto valor agregado, com bons empregos, com mobilidade e justiça social, mas que isso será sempre um sonho sem uma política industrial de longo prazo eficiente.
- O conceito de conteúdo local é importante para o fortalecimento da indústria de transformação brasileira e foi utilizado por grande parte dos países, hoje considerados desenvolvidos, em algum momento de sua historia, embora hoje estes mesmos países a critiquem e as considerem protecionistas e ineficientes.
- A exigência de índice de conteúdo nacional deve fazer parte de uma política industrial, mas deve ser criteriosa, avaliando a competitividade de cada elo e a capacidade de resposta para o que vai ser solicitado. Não podemos cair no erro de exigir a nacionalização somente nas compras dos produtos finais.
- A política de defesa comercial da indústria de transformação deve pressupor uma escalada tarifaria equilibrada ao longo da cadeia produtiva. O Imposto de Importação deve ter acréscimos compatíveis com a agregação de valor de cada elo. Quanto mais valor agregado, maior o percentual do Imposto de Importação.
- A cadeia metal-mecânica ligada à indústria automotiva tem a seguinte estrutura de tarifa nominal no imposto de importação:
 - Insumos básicos: minério de ferro (2%) e carvão (0%);
 - Fabricantes de aços planos e longos, laminados a frio e a quente (12 e 14%);
 - Processadores de aço: forjaria (14 a 16%); tubos (14 a 16%); trefilarias (12 a 14%); relaminação (12 a 14%); estamparia (14 a 18%);
 - Autopeças – peças, conjuntos, subconjuntos e sistemas (14 a 18%); e
 - Montadoras: veículos (35%).
- Entre o aço - matéria prima para fabricação de peças e componentes do automóvel - e as peças e componentes fornecidos às montadoras temos seis pontos percentuais de acréscimo na tarifa nominal, e entre as peças e o veículo montado temos um acréscimo de 17 pontos percentuais.
- Ou seja, existe um grande acréscimo no imposto de importação entre a mineração e a siderurgia, um aumento maior ainda das autopeças para a indústria automotiva e uma proteção desproporcionalmente menor nas etapas intermediárias da cadeia.

Considerações finais

- Estudo recente feito por economistas da UFRJ, por solicitação da FIESP e do IEDI, utilizando o conceito de proteção efetiva, mostra que na cadeia metal-mecânica a proteção efetiva do setor automobilístico é de 127%, enquanto a da indústria do aço é de 22% e a de autopeças é de 32%, confirmando que a proteção não é equilibrada ao longo da cadeia.
- Entendemos que deveríamos distribuir melhor os acréscimos do imposto de importação ao longo de toda a cadeia - respeitando os limites da OMC - entre os 12% do aço e os 35% do automóvel, para os elos da cadeia entre as siderúrgicas e as montadoras.
- Os setores intermediários dessa cadeia só vão fazer novos investimentos em aumento de produção, ganhos de eficiência e em inovação se esse capital novo a ser investido tiver uma remuneração adequada. Caso contrário, ele vai explorar ao máximo o investimento antigo, mas não vai colocar dinheiro novo no seu negócio, seja ele próprio ou de terceiros.
- Outro ponto importante para o fortalecimento da indústria nacional é disponibilização de uma fonte de financiamento de longo prazo para investimento a custo competitivo. As taxas de juros de mercado praticadas pelos bancos onera excessivamente os investimentos, quando não os inviabiliza.
- Muito se discute sobre a forma como foi feita a capitalização do BNDES e esta discussão é importante para aperfeiçoar a atuação das fontes de financiamento de longo prazo, mas não podemos prescindir de um agente com recursos suficientes para financiar as cadeias produtivas com o menor custo possível.
- Temos que ter em mente que, apesar do crédito do BNDES ser subsidiado, ele é muito mais alto que as taxas de juros cobradas internacionalmente. As condições de financiamento dos investimentos é um fator importante nas alocações geográficas das grandes empresas transnacionais e condições não isonômicas neste financiamento onera o custo do produto e mina a competitividade do produto brasileiro.
- As desonerações fiscais da folha de pagamento, que são importantes para a competitividade da indústria nacional e estão atualmente sendo alvo de reavaliação do governo, deveriam ser mantidas para os produtos "tradables" e, mais especificamente, nos produtos das cadeias produtivas que tem potencial de competitividade internacional que o Brasil quer defender e desenvolver.
- A desoneração de produtos não comercializáveis internacionalmente poderá simplesmente aumentar a rentabilidade do produto sem nenhum reflexo no preço de mercado, ou seja, a queda do imposto sendo adicionada ao lucro do produto.
- O mercado externo tem sido apontado como o caminho mais rápido para reativar a economia em tempos de ajuste fiscal e de desaquecimento da demanda interna e a celebração de novos acordos comerciais e a inserção do Brasil nas cadeias produtivas globais são considerados imprescindíveis.
- Sem dúvida, a negociação de novos acordos comerciais é importante para o aumento das exportações brasileiras, mas devemos estar atentos em pelo menos 3 pontos:
 - Existe um excedente de oferta de produtos industriais no mundo e todos os países alvos de nossos acordos tem um interesse muito maior em exportar para o Brasil do que importar produtos manufaturados brasileiros.
 - Os países europeus e o Estados Unidos tem um complexo e eficiente sistema de barreiras não tarifárias, que lhes garante a proteção da indústria local, mesmo com alíquotas de importação baixíssimas.
 - No Brasil, toda a proteção é feita com base no imposto de importação; não temos expertise em imposição de barreiras não tarifárias e ainda temos uma defasagem cambial e um alto custo Brasil.
- Outro ponto importante para aumentar as exportações é a reativação do programa Reintegra, ou a criação de um novo programa semelhante, mais agressivo, com maiores taxas de *rebates*, mas dentro de uma visão de cadeia produtiva: quanto maior o valor agregado, maior o percentual de reembolso.
- Não tem sentido dar o mesmo percentual para exportações de produtos primários e para exportação de produtos que sofrem maior processamento no País, e que, com isso, agregam mais valor, mais emprego.
- Ainda com referência a exportação, deveríamos criar um sistema de drawback verde amarelo que permitisse a suspensão da cobrança de impostos ao longo da cadeia para as matérias-primas que fossem ser utilizadas na fabricação de produtos a serem exportados, o que gera acúmulo de créditos junto o governo e onera o custos dos produtos.
- Aliado a isso, deveríamos sensibilizar as empresas para que forneçam, em condições de preços compatíveis com suas exportações, as matérias-primas fornecidas a seus clientes internos para a fabricação de produtos a serem exportados.
- Atualmente, existe uma elevada ociosidade na indústria metal-mecânica que poderia ser utilizada na substituição das importações e no aumento das exportações de produtos dessa cadeia produtiva. Mas, precisamos entender que a importação do produto do meu cliente é tão indesejável quanto a importação do produto fabricado pela minha empresa e que a exportação do produto do meu cliente é tão boa ou melhor que a exportação da minha empresa.
- Enfim, precisamos de políticas industrial, fiscal e de comércio exterior concebidas dentro do conceito de cadeia produtiva e que premiem todos os seus elos, e que as empresas atuem focando a maximização do resultado da sua cadeia.

Diretoria SICETEL

Mandato 2015/2019

Presidente
Daniele Pestelli
Fitas Ind. e Tecnologia S/A

1º Vice-Presidente
Ricardo Martins
Grampofix Ind. e Comércio Ltda.

2º Vice-Presidente
Ecidir Dias Taverneiro
Newport Steel Ind. e Com. Ltda.

3º Vice-Presidente
Mauro Isaac Aisemberg
Soma Soluções Magnéticas

Dir. 1º Secretário
Eduardo de Almeida Prado Tassinari
Morlan S/A

Dir. 2º Secretário
Aguinaldo Cavalcante Cajaíba
Engemet Metalurgia e Com. Ltda.

Dir. 1º Tesoureiro
Silvio Cesar P. Di Martino
Di Martino Inds. Metalúrgicas Ltda.

Dir. 2º Tesoureiro
João Carlos Minello
CNC Central Núcleos Siliciosos Ltda.

Diretores

Eduardo Sampaio Ramos
Mensan Metalúrgica Ltda.

Flávio Noal Bergamin
Gerdau Aços Longos S/A

João Henrique Martin
Jotaeme Fitafer Metalúrgica Ltda.

Nildo Masini
Ipiranga Aços Especiais S/A

Roberto Bevilacqua
Fitas de Aço MCM Ltda.

Roberto Milhomem Martins
Belgo Bekaert Arames/Contagem

Rodrigo de Almeida Prado
Morlan S/A

Sérgio Chodik
Eletro Luminar Ind. e Com. Ltda.

Conselho Fiscal Efetivo

Luiz Carlos Tenaglia Mariani
Bekaert Cimaf Cabos Ltda

Manoel Marcos G. Lopes
Armco do Brasil S/A

Mauro Bandini
Comep Indústria e Com. Ltda.

Conselho Fiscal Suplente

André Luiz Azevedo Guapo
Brasmetal Waelzholz S/A Ind. e Com.

Henri Cattaruzzi
Acc Ind. de Artigos para Escritório S/A

Leandro Lopes Ferreira
Siva Ind. Com. Artefatos de Arames e Aço Ltda.

Delegados

Representantes Junto à Federação das
Indústrias do Estado de São Paulo - FIESP

Efetivos

Daniele Pestelli
Nildo Masini

Suplentes

Ricardo Martins
Ecidir Dias Taverneiro

Relação de Empresas Associadas - SICETEL

A Bronzinox Telas Metálicas e Sintéticas Ltda.
ACC Indústria de Artigos para Escritório S.A.
Aços Inbrafer Ltda.
American Micro Steel Ltda.
Arcelor Mittal Brasil S.A.
Armco do Brasil S.A.
ACZ Inox Comercial Ltda.
Bacchi Indústria e Comércio Ltda.
Bardella S.A. – Indústrias Mecânicas
Bekaert Sumaré Ltda.
Bekaert Cimaf Cabos Ltda.
Belgo Bekaert Arames Ltda. (Contagem)
Belgo Bekaert Arames Ltda. (Osasco)
Belgo Bekaert Artef. de Arame Ltda. (Vespasiano)
Brasmetal Waelzholz S.A. – Ind. e Com.
CNS – Central de Núcleos Siliciosos Ltda.
Comep Indústria e Comércio Ltda.
Cosinox Indústria e Comércio Ltda.
D&D Manufatureira Ltda.
Di Martino – Indústrias Metalúrgicas Ltda.
DMV Brasil Indústria e Comércio Ltda.
Eletro Luminar Indústria e Comércio Ltda.
Engemet Metalurgia e Comércio Ltda.
ESAB Indústria e Comércio Ltda.
Fábrica de Pregos Triângulo Ltda.
Fitas de Aço M.C.M. Ltda.
Fitas Indústria e Tecnologia S.A.
Gerdau S.A.
Giusti & Cia Ltda.
Grampofix Indústria e Comércio Ltda.
Granasa Minas Indústria e Comércio Ltda.
Iara Indústria e Comércio Ltda.
Incotela Ind. Com. de Telas de Arame Ltda.
Indústria Nacional de Aramifício Ltda.
Indústria Metalúrgica Multiart Ltda.
Indústrias de Arame Paracambi Ltda.
Indústrias de Telas Metálicas MM Ltda.
Ipiranga Aços Especiais Ltda.
Jotaeme-Fitafer Indústria Metalúrgica Ltda.
Maccaferri Gabiões do Brasil Ltda.
Mensan Metalúrgica Ltda.
Metaltela Tecidos Metálicos Ltda.
Metalúrgica de Tubos de Precisão Ltda.
Metalúrgica Golin S.A.
Metalúrgica Nhozinho Ltda.
Metisa – Metalúrgica Timboense S.A.
Monteferro América Latina Ltda.
Montepino Ltda.
Morlan S.A.
Morsing Cabos de Aço Ltda.
Newport Steel Indústria e Comércio Ltda.
Novametal do Brasil Ltda.
Perfilados Granado Ltda.
Retinox Imp. e Exp. de Aços Inoxidáveis Ltda.
Rud Correntes Industriais Ltda.
Sandinox Com. Importação e Exportação Ltda.
Sandvik do Brasil S.A. – Indústria e Comércio
Serralgodão Comércio e Indústria Ltda.
Siderúrgica São Joaquim S.A.
Signode Brasileira Ltda.
Siva Ind. e Com. de Artef de Arame e Aço Ltda.
Soma Soluções Magnéticas
Superfine Steel Aços Inoxidáveis Ltda.
TCA Tubos e Conexões de Aço Ltda.
Teciam Telas e Tecidos Metálicos Ltda.
Tessin Indústria e Comércio Ltda.
Trefilação Aço Rag Ltda.
Usina Metais Ltda.
Villares Metals S.A.
Zampese Máquinas Ltda.



SICETEL - Sindicato Nacional da Indústria de Trefilação
e Laminação de Metais Ferrosos

Sede: Av. Paulista, 1313 - 7º andar - conj. 701
São Paulo/SP - Brasil CEP: 01311-923
Telefone: (11) 3285-3522 E-mail: sicetel@sicetel.com.br

www.sicetel.org.br